



## A experiência em cena: Diálogos entre a Filosofia e o Teatro

Mariana de Oliveira Neves

### Resumo

Este artigo se propõe como relato e análise de minha experiência como atriz pesquisadora. Concentro-me numa trajetória pessoal de formação multifacetada em filosofia e teatro. Destaca-se a reflexão originada no módulo de narratividade da MT Escola de Teatro, onde acredito que consegui estabelecer diálogos enriquecedores com o conceito de experiência, conforme delineado pelos autores Walter Benjamin e Jorge Larrosa. A essência do trabalho é a abordagem de como a “experiência”, que sempre fez parte de meus estudos durante a graduação em filosofia, se configura agora nas artes cênicas como um elemento importante para o reconhecimento e valorização de uma narrativa que almeja transcender as imposições da cultura hegemônica.

**Palavras-chaves:** Experiência; Filosofia; Teatro

### Abstract

This article is intended as a report and analysis of my experience as an actress and researcher. The focus being on a personal journey of multifaceted training in philosophy and theater. Focusing on the reflection that originated within the Narrativity Module at MT Escola de Teatro, I believe I managed to establish enriching dialogues with the concept of experience, as outlined by the authors Walter Benjamin and Jorge Larrosa. The essence of this work is the approach to how “experience”, which was always part of my studies during my undergraduate degree in philosophy, is now configured in the performing arts as an important element for the recognition and appreciation of a narrative that aims to transcend the impositions of hegemonic culture.

**Keywords:** Experience; Philosophy; Theater.

## 1. Introdução

A proposta do artigo “A experiência em cena: Diálogos entre a Filosofia e o Teatro” é de compartilhar minhas vivências tanto no campo da filosofia quanto no teatro. Esta narrativa não se limita a mapear os trajetos percorridos, mas também visa celebrar e questionar a jornada daqueles que, mergulharam no universo das artes enquanto transitavam pelo ambiente acadêmico. Essa imersão ativa no contexto artístico coincidiu intimamente com os anos de graduação e mestrado em filosofia, oferecendo um olhar íntimo sobre as interseções entre esses dois campos aparentemente distintos.

Dessa forma, o presente trabalho estrutura-se em três seções principais. Inicialmente, faço considerações sobre a minha experiência com o meio artístico em diálogo com os estudos em Walter Benjamin, minha referência de estudo no curso de filosofia. Em seguida, abordo o processo de estudo na MT Escola de Teatro, onde a aproximação entre os dois universos se expressa novamente. Por fim, apresento reflexões que considero pertinentes para a valorização e o reconhecimento de narrativas que transcendem a cultura hegemônica.

O ano era 2013, mais especificamente no mês de maio, quando da periferia de Guarulhos chego em Cuiabá para cursar filosofia na Universidade Federal de Mato Grosso, na época com 20 anos de idade. Foi nesta cidade, no Centro Oeste brasileiro que comecei a construir minha independência e passei a conviver com outros estudantes, que assim como eu buscavam realizar o sonho de cursar uma universidade pública. Consegui realizar esse objetivo com o apoio de políticas públicas que buscam garantir a permanência e o sucesso acadêmico de jovens na academia, superando desafios socioeconômicos e estruturais. Por meio de programas de assistência estudantil, como bolsas de estudo, auxílio alimentação e moradia universitária, consegui me concentrar nos estudos sem preocupações financeiras, contando também com apoio psicológico quando foi necessário.

Durante a graduação, residi na casa do estudante universitário, que fica localizada nas dependências da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá. Fui a primeira da família a ingressar em uma universidade pública pelo Sistema de Seleção Unificada, durante o governo Dilma Rousseff. Como mulher negra e a caçula entre dois irmãos homens, digo com orgulho que sou fruto das políticas públicas. Minha experiência destaca o impacto positivo da assistência estudantil na inclusão e na promoção da igualdade de oportunidades de jovens brasileiros.

É relevante destacar que após a obtenção da licenciatura em filosofia em 2017, iniciei no ano seguinte minha carreira como professora no Estado de Mato Grosso. Em 2019, durante o segundo ano do mestrado, recebi o convite do Flávio Ferreira<sup>1</sup> para participar como atriz na peça intitulada Bereu<sup>2</sup>. O chamado representou uma âncora crucial, pois o teatro sempre foi um local terapêutico, de persistência perante a vida, uma maneira de driblar as dificuldades quando me encontro nas encruzilhadas da vida.

Em outubro de 2021, assumi o cargo de professora substituta de Filosofia no Instituto Federal de Mato Grosso, onde permaneci até setembro de 2023; esse período coincidiu com o momento em que ainda era estudante, dessa vez no campo das artes. Afinal, dois anos depois da conclusão do mestrado em filosofia e sete anos desde a minha entrada na Companhia de Teatro Cena Onze, uma das mais renomadas de Mato Grosso, surgiu a oportunidade de me matricular em um curso superior de Tecnologia em Teatro, oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), conhecida como MT Escola de Teatro.

Os referenciais teóricos fundamentais para esta pesquisa, não se baseiam apenas em minhas vivências como contadora de história e atriz na peça: “Bereu”, incluirão a leitura de textos e análise de artigos, com destaque para “O sul corpóreo: trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético”, de Rocio Vargas (2016). Ademais, serão explorados o conceito de experiência e narrativa na filosofia de Walter Benjamin, que aborda a *perda da experiência* no cenário contemporâneo, e as reflexões de Jorge Larrosa em *Tremores* (2015). Este último apresenta considerações sobre a experiência, inicialmente sob a perspectiva educacional, mas expandindo-se para abarcar o universo artístico. Ambos os autores servirão como alicerce, delineando uma narrativa inovadora do meu ponto de vista, onde me posiciono ora como estudante, ora como professora. Neste relato, a tentativa é unir conscientemente os caminhos individuais que sempre permearam a minha trajetória, assumindo pela primeira vez um espaço de correspondência, uma tentativa de caminhar em conjunto.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1 Trajetória Acadêmica: Entre livros e o Palco**

Durante a graduação em filosofia, conforme mencionado previamente na introdução deste trabalho ocorreu o primeiro contato de forma mais íntima com o meio artístico. Inicialmente, participei de um curso de contação de histórias promovido pelo Serviço Social do Comércio (Sesc), sob a tutela

---

<sup>1</sup> Diretor da Companhia de Teatro Cena Onze do estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> *Bereu* é uma gíria usada nas prisões que significa “bilhete, recado, carta”.

de Francisco Gregório Filho, cujo mote era "ler e contar, contar e ler". Posteriormente, ingressei na Cia Cena Onze de Teatro, sediada em Cuiabá, o que marcou o início de minha carreira como atriz em 2015. A partir desse momento, oficialmente se delineou o percurso de formação da professora e da atriz em processo de construção. Observo, então, que a arte sempre exerceu uma influência significativa em minhas pesquisas acadêmicas, especialmente aquelas que me conduziram aos estudos de Walter Benjamin.

Na disciplina de Estética, no período da graduação, manifestei o desejo de integrar as experiências do teatro e da contação de histórias junto à filosofia, foi quando a professora Sara Juliana me indicou o texto "*O Narrador*", de Walter Benjamin como leitura introdutória. A partir dessa recomendação, iniciei meus estudos sobre o autor, buscando no primeiro momento aproximar as vivências na arte de contar história ao campo filosófico. Algumas perguntas norteadoras auxiliaram o desenvolvimento da pesquisa naquele momento como, por exemplo, *quais são os tipos de experiências possíveis com o excesso de informação na atualidade? Nos dias atuais onde estão e quem são os verdadeiros narradores? Podemos aprender algo ouvindo hoje uma história?*

A leitura de Benjamin permitiu que esse desejo, se transformasse em objeto de estudo, fornecendo fundamentos teóricos sólidos, respectivamente os conceitos de narrativa e experiência, para sustentar a permanência da pesquisa. Walter Benjamin em seu texto "*O Narrador*" (2012), apresenta considerações sobre o escritor russo Nicolai Leskov, trazendo uma reflexão sobre a figura do narrador, que, segundo ele, não está mais presente entre nós e torna-se cada vez mais distante. A presença do narrador citada no texto tem relação direta com um período histórico anterior à indústria, neste sentido, a contextualização deste período se faz necessária para compreender a presença viva da narrativa junto ao ser humano, ou seja, estabelecendo uma relação direta com a própria existência do indivíduo. Segundo Oliveira (2009, p.09) "Era nas especificidades da produção artesanal que as histórias encontravam o espaço e o tempo propícios para serem narradas. E, com elas, a sabedoria ia sendo transmitida oralmente, de geração a geração, permitindo que a rede de experiências fosse tecida."

As narrativas estavam presentes na sua forma mais pura em comunidades tradicionais, onde os trabalhos eram exercidos mediante a participação de todos, de forma coletiva e muito próxima a um meio de produção artesanal. (Benjamin, 2012). Essa rede de experiência, segundo Benjamin, só foi possível nas produções artesanais pois, à medida que os trabalhos eram confeccionados com as mãos do próprio artesão, teciam-se também os fios das histórias que ali eram compartilhadas. Assim como o artesão utiliza o seu próprio corpo como fonte de produção o narrador faz uso das suas próprias experiências para contar uma história. Por esta razão falamos deste período que ficou marcado por uma tradição, entendida aqui como forma de transmissibilidade por meio das

experiências compartilhadas e que de alguma forma influenciaram nos costumes e valores de uma época. Tal caracterização só foi possível através do próprio percurso da história, haja vista que quando se olha para os fatos históricos, pode-se fazer uma reflexão sobre o seu próprio desenvolvimento.

Em seu ensaio “*O Narrador*” (2012), Benjamin diz que a arte de narrar está em vias de extinção, pois ninguém mais sabe narrar devidamente uma história. Podemos nos perguntar: qual a importância em saber narrar uma história? Para o autor, o conceito de narrativa está explicitamente ligado a certa experiência. Além do mais, contém uma grande sabedoria, entendida como “o conselho tecido na substância da vida vivida” (Benjamin, 2012, p.217).

De acordo com Benjamin (2012), a narrativa entra em decadência, assim como a experiência pós I Guerra Mundial. Se, a partir da I Guerra, houve modificações na forma de narrar e ter experiências em toda humanidade, imagine agora em pleno século XXI, em que tais questões já são potencializadas em massa. Neste sentido, Gagnebin (2014, p.38)

Se o tempo na modernidade - em particular, no capitalismo - encolheu, ficou mais curto, reduzindo-se a uma sucessão de momentos indistintos sob o véu da novidade (como no fluxo incessante de produção de novas mercadorias), o resultado dessa contração é um embotamento drástico da percepção dos ritmos diferenciados de transição, tanto do ponto de vista sensorial como no que diz respeito à experiência espiritual e intelectual.

Logo, as experiências compartilhadas que até então caracterizavam determinado período histórico, encontravam agora novas possibilidades na modernidade. Marcado por novos meios de produção, novas técnicas, novos ideais, novas conquistas, novas invenções e novas formas de comunicação, essa grande novidade, a modernidade, também possibilitou aos indivíduos de uma mesma sociedade uma nova forma de interação, tanto no trabalho quanto nas relações. Desta maneira, as pesquisas voltadas para a experiência e a narrativa em Walter Benjamin foram cruciais para estabelecer a conexão entre a prática de contar histórias como também de aproximar as experiências vividas no teatro, afinal, no entremeio desse encontro, desenvolve-se a formação da minha identidade, ainda em continuidade. Ainda hoje é possível encontrar a essência da arte narrativa nos contadores de histórias atuais. Isto mostra por qual razão Benjamin se faz presente em muitas referências nos livros contemporâneos dos contadores de histórias. É possível que vejam nele uma esperança em fundamentar as razões pelas quais o resgate da narrativa, por meio da contação de história é hoje tão importante. Acredito que este resgate é plausível e confere validade quando Benjamin (2012, p.217) apresenta que

A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um “sintoma de decadência”, e muito menos de uma decadência “moderna”. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo.

Logo, esta nova beleza, pode ser entendida hoje como este papel dos contadores de histórias que buscam na obra de Benjamin um conhecimento que permite reconhecer o valor da narrativa e a crença na arte de que, contar história é uma forma de resgatar e conhecer a nossa. O contador de história moderno traz no seu íntimo a crença na característica daquele narrador tradicional apresentado por Benjamin que, ao contar uma história acredita ele também ser capaz de aconselhar, se não na sua efetividade, mas no seu intuito de ensinar, colaborar para uma sociedade mais humana, mais próxima de uma proposta de experiência.

A narrativa possibilita que o ouvinte possa trazer para junto de si as suas próprias experiências, algo que muitas vezes pode ser familiar ou não, mas que de alguma forma apresenta um caminho novo, a continuidade de um existir a partir do encontro com novas experiências. Este fato fica claro na fala de Clarissa Pinkola Estés, psicanalista junguiana e contadora de histórias, ao trazer o relato de suas experiências pessoais e familiares.

Na farmácia das centenas de histórias que me ensinaram nas minhas duas famílias, a maioria delas não é usada como simples diversão. De acordo com a aplicação folclórica elas são, sim, concebidas e tratadas como um grande grupo de medicamentos de cura, cada um exigindo preparação espiritual e certos insights por parte tanto do curandeiro quanto do paciente. Essas histórias medicinais são tradicionalmente usadas de muitos modos diferentes. Para ensinar, para corrigir erros, para iluminar, auxiliar na transformação, curar ferimentos, recriar a memória. Seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo. (Pinkola Estés, 2015, p. 10)

A relação com os contadores de histórias atuais está diretamente ligada a um interesse de pesquisa sobre o poder das histórias narradas no mundo moderno, acreditando na preservação de uma habilidade própria que o ser humano possui de ressignificar a própria vida a partir da arte. Sobretudo, quando vivemos a pandemia da covid-19, na qual a arte, a poesia, a música, foram antídotos essenciais para o nosso entorpecimento frente às situações de isolamento que estávamos vivenciando naquele período. Contar histórias “é importante sempre, em qualquer época e em

qualquer situação. Elas são necessárias para entendermos o mundo que nos cerca, e a nós mesmos. Nelas estão contidos os pensamentos humanos mais ancestrais.” (Lacombe, 2015, p.23).

Há muitos espaços onde a arte de contar e ouvir histórias são utilizadas como possibilidade de ressignificar a condição de determinadas situações na vida do ser humano, seja um bebê, uma criança ou um adulto. “As histórias nos contextualizam, dão significado às coisas, explicam nossa existência, dando sentido para estarmos no mundo.” (Lacombe, 2015, p.23). A proposta de não deixar perder o dom de ouvir e contar histórias na atualidade está diretamente ligada à possibilidade de conhecer por meio das histórias um pouco mais sobre a própria vida. Ouvir as histórias contadas por pais, avós, tios, confere na atualidade a esperança de uma ligação histórica. Benjamin (2015, p.110) afirma que as reais situações que dominam a experiência, no sentido estrito do termo “conjugam-se na memória determinados conteúdo do passado individual com os do coletivo.” Os contadores de histórias atuais acreditam na possibilidade de troca e amadurecimento contínuo que as histórias proporcionam para uma vida mais significativa. Segundo Lacombe (2015, p.98),

[...] os contadores de histórias, que percebem o poder da palavra e a utilizam com maestria, encantam crianças e adultos e mobilizam essas imagens e símbolos ancestrais. Semeiam o desejo de compartilhar narrativas...Os pais que percebem o poder de sua memória e emoção, ao narrar para os filhos histórias e episódios de suas vidas, podem mobilizar o afeto e significados profundos no seu coração e no de seus filhos. Eu acredito que uma sociedade que valoriza sua história, seus personagens e mitos cria a possibilidades de que seus cidadãos construam relações mais significativas, e que a convivência seja mais harmônica e comprometida.

Em um mundo repleto de informações, em que é impossível absorver tudo o que nos é apresentado, precisamos encontrar alternativas para manter nossa capacidade de agir, pensar e refletir sobre nossas escolhas e ações. Ouvir e contar histórias são oportunidades para promover a espontaneidade e a autenticidade do ser humano na sociedade contemporânea, já que a arte possibilita a ressignificação do mundo real. Através dos diferentes cursos e formações que realizei na área de contar história, tive a oportunidade de vivenciar na prática o papel de contadora de histórias. Foi a partir dessas vivências que me aproximei do teatro, e, desde então, não me desvinculei mais desse universo. Minha trajetória tem sido construída entre a filosofia e as artes, e é nesse encontro que desejo continuar me desenvolvendo.

Antes de mergulharmos no universo de partilha de experiências artísticas, é importante refletirmos sobre um cenário simples e familiar, que muitos poderão imaginar, concordar ou ao menos compreender. Esse exercício será útil para a compreensão deste trabalho. Quem não se lembra de

uma época em que era comum a família se reunir à mesa para as refeições diárias e conversar sobre o dia, compartilhar acontecimentos da escola, do trabalho e da própria casa? Essa imagem representa um tempo que se distancia do contexto presente nos escritos de Benjamin. Afinal, para o autor

Sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. - Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saiba contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 2012, p.123)

Estamos imersos na era da informação, conectados e envolvidos no ritmo acelerado da sociedade contemporânea. Não é difícil imaginar uma situação em que pessoas que têm o privilégio de almoçar em casa durante a semana não se sentem mais à mesa para suas refeições, optando por fazê-las na sala, muitas vezes com a televisão como centro das atenções. Isso resulta na diminuição da partilha de experiências que antes era um cenário comum. Esse contexto nos leva a refletir sobre o uso dos dispositivos e como eles moldam e afetam as nossas relações. Conseqüentemente, ocorre uma lacuna na comunicação, que tende a aumentar. Diante disso, podemos nos perguntar: onde encontramos hoje espaços para o florescer da experiência?

“A cada manhã recebemos informações de todo o mundo. E no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes [...] A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos. (Benjamin, 2012, p.219, 220)

Segundo Benjamin (2012), a narrativa possui a capacidade de desdobramentos porque se relaciona intrinsecamente com a experiência, favorecendo o processo de assimilação. Ela proporciona tempo e espaço para organizar e armazenar as informações recebidas, constituindo-se no que o autor considera uma verdadeira narrativa ao tecer a própria vida. Na modernidade, esse tempo não é mais possível, o que temos na verdade é o excesso de informação. Para Benjamin (2012, p.219), a diferença entre a narrativa e a informação está no fato de

[...] que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável a narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. Nisso Leskov é magistral (pensemos em textos como *A fraude*, ou *A águia branca*). O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação.

Será que, ao nos conectarmos constantemente ao universo digital, não estamos negligenciando os encontros presenciais e as conversas significativas, tão importantes para a nossa existência humana? Diante desse questionamento, recorro com inquietação o período em que me envolvi com as artes, especialmente através de oficinas, cursos e práticas na arte de contar histórias. A prática de contar histórias reflete um aspecto presente na obra de Walter Benjamin, que valoriza a experiência, embora de forma distinta do que foi abordado pelo autor.

Os mais diversos contatos com essa prática, apresentaram-se como uma experiência nova e completamente diferente de tudo o que havia experimentado até então; ouvir histórias contadas por renomados contadores (Francisco Gregório Filho, João Acaiabe, Alice Oliveira, Ana Luisa Lacombe, Suzana Nascimento, Kiara Terra, João Luiz do Couto, entre outros) foi transformador e enriquecedor. É algo difícil de descrever em palavras: é o processo de viver a experiência enquanto ela acontece e o reconhecimento de que algo mudou em mim, ao mesmo tempo em que permaneço em contínua construção e reconstrução sobre quem estou sendo, o que fui e o que desejo ser. São os desdobramentos possíveis de inúmeras narrativas que atravessam minha existência, possibilitando o terreno fértil para o florescer de novas experiências. Nesse contexto, este artigo explora algumas das experiências e reflexões vivenciadas no ambiente artístico, especialmente durante a jornada como estudante do curso de teatro, sem deixar de lado o conhecimento filosófico adquirido ao longo da graduação e do mestrado em filosofia, mostrando que esses caminhos sempre estiveram em diálogo, mesmo que de forma ingênua.

## **2.2 MT Escola de Teatro**

Em 2022, decidi dar um novo passo e iniciar uma segunda graduação, agora no curso de Teatro, oferecido pela UNEMAT. A MT Escola de Teatro, fundada em 2016, é um polo de formação da gestão do Cine Teatro Cuiabá, uma parceria firmada entre a Associação Cultural Cena Onze, Universidade do Estado de Mato Grosso, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) e Governo do Estado de Mato Grosso. O modelo artístico-pedagógico da MT Escola de Teatro

valoriza a multiplicidade das interfaces entre os campos do fazer e do refletir cênico. O sistema pedagógico da MT Escola de Teatro é estruturado em módulos que enfatizam a emancipação criativa, o pensamento crítico e a colaboração entre talentos e expressões artísticas, rompendo com as hierarquias tradicionais presentes em muitas instituições educacionais.

A escola oferece de maneira gratuita o curso superior de tecnologia em teatro, e o estudante pode escolher se especializar em uma das sete áreas oferecidas: atuação, iluminação, sonoplastia, cenário e figurino, direção, dramaturgia e produção. O curso tem duração total de quatro módulos de ensino, o equivalente a quatro semestres, no final o estudante recebe o diploma de tecnólogo. A metodologia proposta pela escola propõe a todo momento que os estudantes estejam em diálogo, confrontando propostas e ideias. Durante o curso, são formados três núcleos de teatro com a junção de pessoas de cada ênfase, ou seja, todos trabalham em conjunto colocando em prática os ensinamentos aprendidos. A minha ênfase de estudo foi atuação, e especialmente a partir do segundo módulo, explorei as nuances entre teatro dramático e teatro épico. O meu caminho educacional dentro da MT Escola foi enriquecido por diversas leituras e práticas que, de maneira pedagógica, aprofundaram minha compreensão da linguagem teatral. Esse enriquecimento resultou em uma expansão de consciência que transcendeu a minha visão limitada do teatro como simples entretenimento, claro que isso dentro de uma perspectiva bastante pessoal de viver e enxergar o teatro, talvez pela ingenuidade de quem só teve a oportunidade de se aproximar do universo teatral aos 22 anos de idade.

Cursar uma segunda graduação em teatro, após ter feito graduação e mestrado em filosofia, foi um fator que muito colaborou para o meu florescimento como atriz pesquisadora. Desde então o olhar para o teatro, ganhou novas dimensões, sobretudo quando passei a considerá-lo também como instrumento social. Foi através dos estudos e práticas na faculdade de teatro que algumas leituras e interpretações desenvolvidas durante a graduação e o mestrado na área da filosofia ganharam maior amplitude, amadureceram e outras camadas de entendimento vieram à tona.

No primeiro módulo, “personagem e conflito”, havia estudado as características do teatro dramático, logo, compreendi que a linguagem visa emocionar o espectador, envolvendo-o nas histórias das personagens. Em contraste, o teatro épico apresentado no módulo “narratividade”, de maneira concisa, almeja romper com essa abordagem, afastando o público da emoção comovedora para proporcionar uma reflexão crítica sobre a interpretação. Por meio do segundo módulo, “narratividade”, adquiri uma perspectiva mais consciente sobre minhas experiências artísticas, procurei identificar questões em minhas próprias vivências que contribuíssem para o entendimento desse novo olhar que se apresentava: a ampliação da dimensão política, crítica e social de ser e estar no mundo.

A filosofia, em sua busca incessante por compreensão e reflexão crítica sobre a existência humana, encontra no teatro um meio concreto de expressão e vivência dessas ideias. O teatro, ao incorporar os questionamentos e análises filosóficas, aprofunda sua capacidade de explorar e representar as complexidades da condição humana. Nesse ponto de confluência, filosofia e teatro se fortalecem mutuamente, criando um terreno fértil para o florescimento de novas perspectivas e entendimentos sobre a vida e a existência humana. O diálogo entre a Filosofia e o Teatro, permite esse olhar através da historicidade, do encontro entre o ser professora e o ser atriz, e a competência de reconhecer e validar as experiências que me potencializam enquanto ser no mundo.

### **2.3 Espetáculo Bereu – Personagem: Jucélia Alves dos Santos**

*Bereu* é uma gíria usada nas prisões que significa “bilhete, recado, carta”. O espetáculo tem o intuito de relatar um pouco da experiência e histórias de mulheres que estão reclusas. Jucélia Alves dos Santos, foi uma personagem inspirada a partir de relatos e acontecimentos reais com eventos ficcionais. Uma jovem de 21 anos, viciada em drogas, presa injustamente, acusada de tráfico de drogas. Abandonada pela família e sem apoio de ninguém, conta apenas com o aconchego emocional de uma parceira de cela, chamada “Tereza”. Ela vive uma realidade solitária e confusa, que são expressas quando tem crises de abstinência. Percebe-se que o abandono familiar é o principal fator para o avanço da sua depressão e, conseqüentemente para o uso excessivo de remédios ansiolíticos, fenômeno que se tornou comum no sistema penitenciário.

Tal personagem entra aqui como evidência, porque é a partir dela que começa em mim a gestação da atriz pesquisadora, que começa a dar os primeiros passos de forma mais segura e consciente dentro da MT Escola de Teatro. Talvez você que está lendo não saiba, mas em 14 de março de 2020 a Cia Cena Onze estreou o espetáculo *Bereu* que retrata o cotidiano de mulheres no sistema penitenciário feminino, porém devido a pandemia da Covid-19 a peça que ficaria em cartaz por um mês aconteceu apenas por dois dias. A partir desse momento, por não ser permitido visitas no período da pandemia, um novo projeto começou a ser desenvolvido dentro da penitenciária feminina, as mulheres escreveram cartas narrando suas trajetórias, partilhando suas experiências. Eu como atriz, tive acesso a essas cartas e precisei interpretar, narrar a história de uma dessas mulheres. Se solidão já era uma palavra e uma sensação bastante comum entre essas mulheres, imagina durante o isolamento? Restaram a elas escreverem cartas para quem bem interessasse: mãe, filhos, amores e porque não a si mesmas? Afinal todas esperam e desejam encontrarem a si mesmas em um futuro melhor, todas desejam a oportunidade de um recomeço para mostrar que querem e podem fazer diferente.

A experiência de participar do processo de interpretação dessas cartas, foi um momento bem íntimo, onde precisei me doar para deixar florescer as histórias, sonhos e desejos que não eram meus, mas que de alguma forma mexeram comigo. O processo exigiu um esforço e uma entrega de tal forma, que eu consegui absorver essas histórias e contei em primeira pessoa, ou seja, assimilei com minhas próprias experiências no que diz respeito ao sentimento de dor, solidão, para dar vida ao que estava escrito no papel. Esse trabalho foi necessário e muito importante, afinal iríamos gravar essas histórias no espaço físico do Cine Teatro Cuiabá, utilizando o cenário<sup>3</sup> elaborado para a peça *Bereu*. Uma carga bastante pesada foi sentida no decorrer do processo, lembrar da construção do espetáculo, das visitas ao sistema penitenciário no ano de 2019, das conversas com inúmeras mulheres e de tantos casos de violências, tornou-se impossível não sentir a dor e a esperança que habita em cada uma dessas mulheres que atravessaram minha existência. O material produzido foi feito com o intuito de ser realizado um curta-metragem, sobre histórias reais de mulheres que estão vivendo o processo de solidão e abandono, não apenas por parte dos familiares, mas também da própria sociedade.

Ouvir histórias e interpretá-las através do teatro, da encenação e a interpretação das cartas, moldou profundamente o meu olhar, fazendo-me questionar ao mesmo tempo que tomo consciência de que as vozes ali retratadas não eram apenas ficcionais, foram e são vozes reais que, de alguma forma, são emudecidas, desvalorizadas, subjugadas pela sociedade. Jucélia Alves dos Santos, personagem que mistura fatos reais com ficcionais contribuiu para o desenvolvimento da minha formação como atriz e mais do que isso, fez enxergar de forma muito didática a crítica à história oficial, apontada por Benjamin em suas teses sobre o conceito de história, afinal o autor invoca a necessidade de uma nova concepção de história, de uma narração que leve em consideração a história dos vencidos, dos esquecidos pela própria história.

Gagnebin em uma entrevista no ano de 2009<sup>4</sup>, sobre Benjamin questiona o seguinte “(...) se déssemos voz aos vencidos, teríamos outras vozes na história e não só aqueles que estão no poder, pois até que ponto a memória individual pode fazer bem para uma memória coletiva? (GAGNEBIN, 2009), nesta entrevista Gagnebin apresenta reflexões sobre a memória, levando em consideração a perspectiva Benjaminiana sobre o papel da figura do herói que narra a própria história. Desta forma, a história dessas mulheres e o espetáculo *Bereu*, podem contribuir para a análise de uma perspectiva da história a contrapelo: uma história que permita reconhecer a voz e a presença silenciosa dessas mulheres na sociedade.

---

<sup>3</sup> O cenário da peça foi uma grade, com algumas “jegas” - palavra que significa o local onde as reeducandas dormem - à disposição das atrizes.

<sup>4</sup> Entrevista disponível no youtube: Na Íntegra - Jeanne Marie Gagnebin – Memória. A professora analisa os aspectos da memória e história em Walter Benjamin.

### 3. Decolonialidade uma ferramenta metodológica para o conhecimento de si.

A leitura do artigo “O sul corpóreo: trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético” (2016), de Rocio Vargas despertou em mim várias inquietações e reflexões sobre o meu processo teatral, principalmente o de identificar a insegurança como um elemento central nesse processo. A dificuldade em acreditar na possibilidade de ser atriz com verdade está fortemente ligada à minha insegurança pessoal. Essa visão negativa, presente nas minhas posturas, enquanto mulher, atriz e professora, é algo que me incomoda profundamente, uma vez que busco motivação e um pulsar interno para que as coisas fluam, algo que, infelizmente, tenho sentido com menos constância. Apesar da empolgação momentânea, o desânimo frequente se instala.

Recordo-me de Walter Benjamin, quando o autor diz que a arte de narrar está por desaparecer, isto também exprime uma nova forma de narrar e estar no mundo. O conselho, não nos serve mais, pois, “um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação”. (Benjamin, 2012, p.216-217). Verbalizar a sua situação está estritamente ligado ao homem saber narrar a própria história. Neste sentido, ao verbalizar neste trabalho, minhas próprias experiências, inseguranças e fragilidades é também reconhecer um olhar colonizador sobre a minha própria história e a maneira como este olhar se expressa em diversas áreas na minha vida.

A partir dessa consciência, percebi que talvez esse lugar “inseguro” seja a própria experiência me atravessando. Larrosa (2015, p.26-27) diz que o sujeito da experiência “tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” Sempre nesta inquietude é que sinto a necessidade de encontrar novos caminhos, novas possibilidades, talvez seja esse o espaço de abertura e recepção necessária para a experiência acontecer, é assim que a experiência com a escrita acontece de uma forma muito íntima, de situar os caminhos subjetivos conscientes das experiências vividas e sentidas até aqui. Agora reconheço o lugar do sujeito disponível para a experiência, para o afeto, a troca e a partilha daquilo que ainda não foi processado, ou compreendido, apenas sentido. Como isso se tornou possível para mim? A partir de leituras que permitiram um novo vislumbre e o reconhecimento de que as experiências vividas e sentidas “a partir da corporeidade, concebendo o conhecimento que tem sua origem no sangue, nas vísceras, no corpo, o conhecimento sensível”(Rocio, 2016, p.370) fazem parte de epistemologias invisibilizadas por uma cultura hegemônica. Tal olhar, se alinha ao conceito de experiência apresentado por Larrosa, em seu livro *Tremores* (2015) em que ele descreve como aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2015, p.18).

Nunca havia parado para pensar de forma positiva sobre o não entendimento, o não enquadramento em condições pré-estabelecidas. A visão de mundo e a forma como lido com ele são distintas, acredito estarem mais próximas e vinculadas a outros saberes que a história oficial tenta nos fazer esquecer, mas que a voz da ancestralidade ecoa mais alto. Como afirma Fabrini (2013, p.6):

Quais seriam esses saberes inviabilizados por essa hegemonia? E o que teriam eles a ver com o teatro? Eu diria que são os saberes que nascem da experiência de estar no mundo, da abertura aos afetos (o constante deixar-se afetar) e portanto um modo de estar no mundo ancorado, enraizado na totalidade complexa do corpo – e isto é estar em cena!

É sobre ouvir este corpo que habito, reconhecendo-o em primeira instância como um corpo inseguro, frágil, que almeja encontrar espaço e um lugar seguro para expressar seu grito, que de repente no caminhar dos processos artísticos descobriu-se corpo forte, capaz, seguro compreendendo sua dimensão territorial-existencial. A leitura do artigo “O sul corpóreo: trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético” (2016) é crucial para a evolução desses escritos, sendo o ponto de partida para este trabalho. Ele ofereceu reflexões a partir de uma perspectiva distinta da cultura hegemônica, valorizando e reconhecendo os saberes da América Latina, em meio aos desafios de existir e resistir a um processo de colonização ainda presente.

Atualmente, indago-me sobre as conexões que almejo e busco desenvolver a partir dos encontros entre a filosofia e o teatro. Desta forma, o conceito de experiência é retomado neste trabalho, para validar o processo que está em construção. Larrosa (2015, p.24) afirma que

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A citação de Jorge Larrosa destaca a importância da experiência e a complexidade envolvida em permitir que algo genuinamente nos afete. A essência desse trecho reside na necessidade de uma pausa deliberada, uma pausa que, nos tempos atuais, se torna quase utópica. Implica em parar para pensar, observar e ouvir. Em nossa atualidade, caracterizado pelo excesso de informação, pela rapidez das interações e pela constante demanda por produtividade, o ato de "parar" torna-se quase

uma rebelião. Cultivar a atenção e a delicadeza em meio à pressa é, sem dúvida, um grande desafio. Isso requer abrir os olhos e ouvidos de forma consciente, promover a arte do encontro e, em alguns momentos, silenciar para permitir a expressão de outras formas de compreensão.

Nesse contexto, Larrosa propõe uma verdadeira educação da lentidão, uma revolução na maneira como nos relacionamos com o tempo, as experiências e nossa forma de viver. Em um mundo frenético, em que a atenção e a presença tornam-se cada vez mais escassas, a prática de desacelerar e mergulhar nas camadas mais profundas do vivido se torna um ato de resistência e uma oportunidade de reencantar o ato de existir: “Uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível” (Larrosa, 2015 p.19).

Assim, Larrosa dialoga com o pensamento de Benjamin, atualizando o olhar deste autor por estar em evidência em nosso tempo a sociedade da informação à nossa disposição, seja nas ruas, nas redes sociais, no trabalho, faculdade etc. Todos opinam, todos sentem a necessidade de dar sua opinião sobre qualquer assunto. A falta de tempo para silenciar, respirar e ouvir com presença torna-se muito desafiador. A comunicação se expande quando, a partir dos desafios, é passível experimentar e vislumbrar caminhos possíveis dentro do universo teatral.

Olhando para o teatro, percebo não apenas nas minhas vivências, mas em toda sua dimensão social, um espaço propício para construir novas narrativas diante do mundo atual. Desta forma, relaciono com as leituras, hoje mais amadurecidas de Benjamin, de que talvez seja no teatro o território onde as vivências sejam capazes de promover possibilidades de uma nova experiência na atualidade. Atravessar o caminho do segundo módulo de narratividade no teatro e compreender todo o seu teor social foi transformador. O teatro épico revolucionou não apenas o viés artístico, mas também minhas considerações sobre a realidade. Vejamos o que Walter Benjamin (2012, p.81) diz sobre o teatro épico de Brecht:

O palco naturalista, longe de ser tribuna, é totalmente ilusionístico. Sua consciência de ser teatro não pode frutificar, ela deve ser reprimida, como é inevitável em todo palco dinâmico, para que ele possa dedicar-se, sem qualquer desvio, a seu objetivo central: retratar a realidade. Em contraste, o teatro épico, conserva do fato de ser teatro uma consciência incessante, viva e produtiva.

Segundo Benjamin (2012), o teatro épico conserva uma consciência produtiva, incessante e viva, o que desperta no ator pesquisador uma consciência transformadora, que não apenas representa, pensa sobre suas próprias condições, provocando um olhar vivo e estimulante sobre a vida. No meu caso, de um lugar muito particular, quero, com este trabalho, apresentar os caminhos subjetivos

conscientes do fazer teatral, reconhecendo a historicidade presente entre quem fui, quem sou e quem continuo a ser.

Como professora de filosofia, atriz e estudante de teatro engajada nos estudos e práticas desenvolvidas na nova faculdade, foi natural que estreitasse o vínculo mais uma vez entre a filosofia e o teatro. Foi pelas diferentes vivências e estudos na faculdade do teatro, especialmente o que era narrado através das personagens invisibilizadas, as vozes que continuam a ser emudecidas pela história, que eu ampliei e compreendi com mais profundidade a questão política presente na obra de Walter Benjamin. Reconheço que o ingresso na MT Escola de Teatro contribuiu significativamente para o início consciente de uma atriz em formação, principalmente ao olhar para minhas experiências no palco e perceber nesta relação a presença de narrativas políticas e necessárias. O teatro tornou-se palco onde novas narrativas estão sendo construídas, outras histórias sendo narradas, assim como foi no espetáculo *Mulheres da Terra*, que narra história de mulheres na luta por um espaço de terra no estado do agronegócio, mas isso é um assunto para outro artigo. Espera-se com essa partilha uma comunidade de ouvintes dispostos a preencher estes espaços com ouvidos e olhos atentos.

#### **4. Considerações finais**

Em síntese, este trabalho não é apenas um exercício acadêmico, é ainda um resgate de uma jornada pessoal e profissional que se desenrola nas interseções da filosofia e do teatro. Ao expressar minhas reflexões, busquei não apenas apresentar ideias de forma crítica e reflexiva, mas compartilhar como as experiências passadas no início da minha formação acadêmica, já estavam sendo moldadas pela minha relação com a arte de contar histórias, com o teatro e como esse percurso influenciou a atriz e professora que me tornei. Inicialmente, tentei separar essas duas formas de perceber o mundo, porém, ao longo do tempo, percebi que é nesse encontro que reside a minha potência de ser no mundo.

Através das leituras realizadas para desenvolver este artigo, tanto do resgate da minha historicidade, junto aos estudos e leituras de Walter Benjamin e do início de estudo e exploração em Jorge Larrosa, no que diz respeito à experiência, ficou evidente que as minhas vivências não foram e não são episódios isolados, mas sim pontos de partida para uma jornada de descoberta e reflexão.

É fundamental mencionar como a perspectiva de olhar decolonial impulsionou a fluidez desses escritos, abrindo caminhos para validar minha história, minha experiência e reconhecer que este interesse não é um fato novo, porque, recordo que nos tempos de graduação buscava por disciplinas que apresentassem uma abordagem sobre filosofia brasileira.

Sempre me inquietou o fato de não estudar o pensamento brasileiro durante a graduação, seguindo, em vez disso, uma longa tradição eurocêntrica. Por sorte, ao longo do caminho e pelos projetos em que participei, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, tive contato com outras filosofias. Isso fortaleceu em mim a ideia de reconhecer a necessidade de uma filosofia do presente, que, sem abandonar a tradição, nos impulse para o aqui e o agora, em vez de se limitar a um acúmulo de conhecimentos sem perspectiva do novo. Hoje, fico feliz que, após 10 anos do meu ingresso no curso de filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, houve uma reformulação na matriz curricular, tornando a disciplina de filosofia brasileira, obrigatória.

No âmbito teatral, a transformação social desdobra-se na habilidade que tenho em entender o meu processo criativo de dar vida às personagens, brincando com nuances entre vida pessoal e a representação no palco, revelando um jogo entre o eu e o outro. A expansão da minha consciência, alimentada por minhas vivências, transcende os limites do palco, não apenas enriquece minha arte, também promove uma compreensão empática e reflexiva sobre o mundo ao meu redor.

O teatro possui um forte impacto emocional e intelectual, desempenhando um papel vital na vida cultural e social, não somente como lazer, mas proporcionando um espaço de pensamento, reflexão e conexão humana. E mais, o teatro é uma forma de arte completa em si mesma, não pode ser reduzido a algo meramente representativo ou crítico, embora essas descrições tenham sido úteis para fins didáticos. O teatro tem a capacidade intrínseca de transcender limites e está aberto a ser interpretado e realizado de muitas e novas maneiras. É uma forma de expressão que evolui constantemente, sempre pronta para se renovar e se adaptar às demandas e sensibilidades de seu tempo.

Assim, pretendo com isso contribuir com outras práticas possíveis de pensar a forma de conceber o conhecimento, mesmo que pelo fato desse trabalho ser de cunho pessoal, não significa ser ele mero subjetivismo, mas diz respeito a contribuições e reflexões de narrativas que transcendam uma visão hegemônica, refletindo criticamente sobre o processo de pesquisa e ação no mundo, que questiona suposições, preconceitos e perspectivas. Desta forma, esta pesquisa sinaliza o início de uma contínua exploração e contribuição para o enriquecimento do entendimento sobre a interseção entre a arte, filosofia, a experiência e ação social.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8º ed. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Entrevista com Jeanne Marie Gagnebin: Na íntegra - Jeanne Marie Gagnebin – Memória.  
Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=b\\_v0-t2vnWY](https://www.youtube.com/watch?v=b_v0-t2vnWY)>

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O DOM DA HISTÓRIA** Uma fábula sobre o que é suficiente. Tradução de Waldéa Barcellos. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FABRINI, Veronica. Sul da Cena, Sul do Saber. **Revista Moringa**: artes do espetáculo, João Pessoa, v., n. 1, p. 11-25, jan./jun., 2013.

LACOMBE. Ana Luísa. **Quanta história numa história**: relatos de experiências de uma contadora de histórias. 1º. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º ed. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

OLIVEIRA. Marcela Figueiredo Cibella de. **Em busca do sentido perdido: expressões literárias da queda da experiência moderna no pensamento de Walter Benjamin** / orientadora: Katia Rodrigues Muricy. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2009. <  
[https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15288@1](https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15288@1)>

PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia e Escóssia, Liliana da. (Orgs) **Pistas do método de cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2015.

VARGAS, Rocio del Carmen Tisnado. O sul corpóreo: Trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético. **ouvirOUver**, v. 12, n. 2, p. 366–376, 2016. Disponível em:  
<<https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/31152>>.

*Autora:*

*Mariana de Oliveira Neves*

*Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017)*

*Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2020)*

*Graduada em Tecnologia em Teatro pela Universidade do Estado de Mato Grosso, MT Escola de Teatro. (2024)*

*Atualmente exerço a função de professora contratada na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Juara.*

E-mail: [nevesoliveira93@gmail.com](mailto:nevesoliveira93@gmail.com)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0491651787135874>